

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO  
CENTRO DE LETRAS E ARTES  
INSTITUTO VILLA LOBOS  
LICENCIATURA EM MÚSICA**

**ANALISE DA MUSICALIZAÇÃO EM CRECHE COM BEBÊS DE 6 MESES  
A 1 ANO E 11 MESES**

**MAURICIO GARRITANO**

**RIO DE JANEIRO, 2017**

Análise da musicalização em creche com bebês de 6 meses a 1 ano e 11 meses

por

Mauricio Garritano

Monografia apresentada para conclusão do curso de licenciatura em música da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), sob a orientação do prof. Dr. José Nunes Fernandes.

Rio de Janeiro, 2017

## **AGRADECIMENTOS**

A esta universidade, seu corpo docente, direção e administração que me deram a oportunidade de realizar um desejo fundamental pelo estudo da música.

Ao meu orientador Professor José Nunes.

A minha mãe e irmão que me incentivaram, me dando um apoio incondicional.

A todos que direta e indiretamente fizeram parte da minha jornada, o meu muito obrigado.

À minha família, por sua capacidade de acreditar e de investir em mim. À minha mãe, por seu cuidado e por sua dedicação, em alguns momentos, e a esperança para seguir. Irmão, sua presença significou segurança e certeza de que não estou sozinho nessa caminhada.

GARRITANO, Mauricio. *Análise da Musicalização em Creche com bebês de 6 meses a 1 ano e 11 meses*. 2017. Monografia (Licenciatura em Música) – Centro de Letras e Artes, Instituto Villa Lobos, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro.

## RESUMO

Esta monografia é baseada em estudos bibliográfico em educação musical em creches de bebês de 6 meses a 1 ano e 11 meses, tendo como base as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil e o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil, monografias e artigos científicos. De acordo com as Diretrizes e o Referencial, foi realizado um estudo bibliográfico onde o planejamento e a conduta de aula, foram analisados para determinar se o profissional da música constrói de maneira adequada suas aulas utilizando os referencias propostos. A análise realizada servirá como base de estudos futuros, apontando o cenário em que se encontra a musicalização em creches.

**Palavras-chave:** musicalização em creches; bebês; educação infantil.

<b>SUMÁRIO</b>	
<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>7</b>
<b>METODOLOGIA</b>	<b>9</b>
<b>CAPÍTULO 1 - DIRETRIZES CURRICULARES NACIONAIS E REFERENCIAL CURRICULAR NACIONAL PARA A EDUCAÇÃO INFANTIL E A MÚSICA</b>	<b>10</b>
<b>CAPÍTULO 2 - O FAZER MUSICAL, A APRECIÇÃO MUSICAL E OUTRAS CONSIDERAÇÕES DO RECNEI</b>	<b>12</b>
<b>2.1 O Fazer Musical</b>	<b>12</b>
<b>2.2 Apreciação Musical</b>	<b>13</b>
<b>2.3 Outras considerações do RECNEI</b>	<b>13</b>
<b>CAPÍTULO 3 - ENTENDENDO SOBRE A EVOLUÇÃO AUDITIVA DO BEBÊ DURANTE A GESTAÇÃO E APÓS O NASCIMENTO</b>	<b>16</b>
<b>3.1 Entendendo sobre o Balbucio</b>	<b>18</b>
<b>CAPÍTULO 4 - MUSICAR, MUSICALIZAR E MUSICALIZAÇÃO</b>	<b>20</b>
<b>CAPÍTULO 5 - O CONCEITO E EXPERIÊNCIAS EM RELAÇÃO DO PROFISSIONAL AS INSTITUIÇÕES</b>	<b>23</b>
<b>CAPÍTULO 6 - PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO E RECNEI</b>	<b>26</b>
<b>CAPÍTULO 7 - O PROFISSIONAL DA EDUCAÇÃO INFANTIL, A VOZ E A IMPORTÂNCIA DA MÚSICA</b>	<b>30</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>33</b>
<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>34</b>

## INTRODUÇÃO

O Referencial Curricular Para Educação Infantil é um instrumento elaborado pelo Ministério da Educação e do Desporto, informando metas de qualidade do ensino, para o desenvolvimento da criança e sua transformação em futuro cidadão.

As Diretrizes Curriculares Nacionais Para a Educação Infantil é um documento que objetiva organizar propostas pedagógicas, o qual reúne princípios, fundamentos e procedimentos, definidos pela Câmara de Educação Básica do Conselho Nacional de Educação para elaborar, planejar, executar e avaliar as propostas pedagógicas.

Esses documentos são destinados a creches e pré-escolas, sendo importante citar, que existem as leis estaduais e municipais que se apropriam das informações contidas nesses registros, elaborando orientações curriculares, que ditam ações e normativas para o ensino infantil.

Dentre os diversos conteúdos abordados nesses documentos, o presente trabalho irá avaliar de forma comparativa as ações que envolvem a musicalização na faixa etária de crianças de 0 a 3 anos em creches particulares e públicas, em relação as normas e ações preconizadas nas Diretrizes Curriculares Nacionais Para a Educação Infantil e do Referencial Curricular Para Educação Infantil.

A musicalização é o estudo para desenvolvimento e o conhecimento musical, auxiliando na formação do ser humano.

Os trabalhos de musicalização realizados em creches despertaram o interesse pelo tema devido ao uso da palavra musicalização, pois os mesmos utilizam a música para meios de comunicação, desenvolvimento corporal, delimitação de rotina e desenvolvimento de conhecimento de outras áreas.

Baseado nessas observações se desenvolverá um estudo para analisar as idéias presentes na literatura, quanto a sua concordância com os documentos de leis e quanto aos conteúdos ensinados na musicalização.

Dentre os trabalhos publicados nessa área, atualmente, são poucos aqueles que relacionam a musicalização com os documentos que normatizam um caminho para o desenvolvimento da educação infantil.

Portanto, o objetivo do estudo é informar o quadro atual do ensino de música em creche, diferenciando a musicalização e utilização da música em creche.

É importante ressaltar que as leis de diretrizes e bases são utilizadas para os conteúdos de matemática, letramento, ciências e utilizados, contudo a musicalização com seus devidos conteúdos não são abordadas devidamente dentro desse seguimento, seguindo as leis (BRASIL, 1996).

Portanto, será desenvolvido no capítulo 1, as Diretrizes Curriculares Nacionais e o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil e a Música, a garantia e o acesso de todos ao contato com a música. No capítulo 2 O Fazer Musical, a Apreciação Musical e outras considerações do RECNEI (BRASIL, 1998), descreve a importância da improvisação e a apreciação a música além de abordar pontos importantes do RECNEI (BRASIL, 1998) como: organização de tempo, construção de instrumentos, jogos, brincadeiras, organização de espaço, registro musical e avaliação. No capítulo 3, entendendo sobre a evolução auditiva do bebê durante a gestação e após o nascimento, informa o desenvolvimento natural auditivo do bebê além das influências externas que criam de forma individual sua percepção auditiva, para tais influências e resposta aos estímulos é desenvolvido um subtítulo sobre Balbucio. No capítulo 4 Musicar, Musicalizar e Musicalização é discriminado o sentido de cada palavra e suas importâncias no processo de musicalização. No capítulo 5 O conceito e experiências em relação do profissional as instituições, descreve a brecha que o RECNEI (BRASIL, 1998) possibilita o trabalho de música, sem o profissional ser formado em Música, porém com a necessidade de ter um conhecimento básico. Baseado nestas informações o capítulo 5 ainda descreve relatos dos autores, suas experiências e conceitos dentro de uma instituição. No capítulo 6 Projeto político pedagógico e RECNEI, é feita uma análise dos projetos, artigos e livros citados neste trabalho correlacionando com o RECNEI (BRASIL, 1998) abordando o estímulo auditivo, movimento e contato corporal. No capítulo 7, “O profissional da educação infantil a voz e a importância da música”, é descrito a voz como a ferramenta principal do

profissional ao estímulo do bebê, porém, é relatada a falta de conhecimento e importância para o desenvolvimento do trabalho com música.

## **METODOLOGIA**

A pesquisa será realizada através do estudo de publicações em sites, em revistas nacionais especializadas, anais de congressos, teses de mestrado e doutorado. Portanto, a pesquisa será realizada através de referências bibliográficas utilizando, também, os documentos: Referencial Curricular Para Educação Infantil e Diretrizes Curriculares Nacionais Para a Educação Infantil.

Na análise inicial dos trabalhos fora utilizado o site Google acadêmicos como fonte de pesquisa. As palavras chaves utilizadas para obter os artigos foram: musicalização, creches, diretrizes, referencial curricular, música e educação infantil.

Após essa análise inicial, será realizada uma pesquisa mais aprofundada das referências de interesse, com a finalidade de construção e efetiva redação do trabalho monográfico.

# CAPÍTULO 1

## DIRETRIZES CURRICULARES NACIONAIS E REFERENCIAL CURRICULAR NACIONAL PARA A EDUCAÇÃO INFANTIL E A MÚSICA

As Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN) é uma ferramenta criada para a avaliação dos projetos político pedagógico ao atendimento em creches e pré-escolas, firmados na constituição de 1988.

O surgimento da DCN fez com que a Educação Infantil fosse revisada, ajudando a orientar o ensinamento junto as crianças na faixa etária de 6 meses a 3 anos e 11 meses, onde se assegura uma continuidade do aprendizado ao Ensino Fundamental.

Baseado nestas diretrizes foi realizado um levantamento sobre os projetos de música.

Dentre as especificações da DCN encontrasse no item 11 – Práticas Pedagógicas da Educação Infantil, garantindo no seu currículo a possibilidade, no eixo de Interações e Brincadeiras, o ensino musical.

Dentre os itens encontra-se:

Favoreçam a imersão das crianças nas diferentes linguagens e o progressivo domínio por elas de vários gêneros e forma de expressão: gestual, verbal, plástica, dramática e musical (BRASIL, 1988, p. 25).

Promovam o relacionamento e a interação das crianças com diversificadas manifestações de música, artes plásticas e gráficas, cinema, fotografia, dança, teatro, poesia e literatura (BRASIL, 1988, p.26).

É importante ressaltar que apesar de serem especificados os itens acima, fica a critério da instituição a escolha dos mesmos.

O Referencial Curricular Nacional Para a Educação Infantil (RECNEI) (BRASIL, 1998) surgiu para atender as Diretrizes e Base Para a Educação Nacional, possuindo um conjunto de normas, qualificando o trabalho pedagógico junto ao bebê.

Dentre os volumes criados desses referenciais específicos, o terceiro volume é o que expõe objetivos e conteúdos, por tratar o tema de música.

Em referencia aos objetivos o RECNEI coloca:

O trabalho com a música deve se organizar de forma a que as crianças se desenvolvam as seguintes capacidades:

- ouvir, perceber e discriminar eventos sonoros diversos, fontes sonoras e produções musicais;
- brincar com a música, imitar, inventar e reproduzir criações musicais (BRASIL, 1998, p. 53).

Em referência aos conteúdos o RECNEI (BRASIL, 1998) relata:

Aos conteúdos deverão priorizar a possibilidade de desenvolver a comunicação e expressão por meio dessa linguagem. Serão trabalhados como conceito de construção, organizados num processo contínuo e integrado que deve abranger:

- a exploração de matérias e a escuta e obras musicais para propiciar o contato e experiências com a matéria-prima da linguagem musical: o som (e suas qualidades) e o silêncio;
- a vivência da organização dos sons e silêncios em linguagens musical pelo fazer e pelo contato com as obras diversas;
- a reflexão sobre a música como produto cultural do ser humano é importante forma de conhecer e representar o mundo (BRASIL, 1998, p.57).

É importante ressaltar que o conteúdo deve se adequar a região que será inserida.

## CAPÍTULO 2

### O FAZER MUSICAL, A APRECIÇÃO MUSICAL E OUTRAS CONSIDERAÇÕES DO RCNEI

Os conteúdos foram então divididos em 2 blocos, classificados como: “O Fazer Musical” e “Apreciação Musical”

#### **2.1 O Fazer Musica**

A expressão “O Fazer Musical” tem como objetivo expressar o que acontece no meio por improvisações logo após compor e interpretar.

Contudo, para crianças de 0 a 3 anos especifica-se que “O Fazer Musical” deve conter:

- Exploração, expressão e produção do silêncio e dos sons com a voz, o corpo, o entorno e materiais sonoros diversos;
- Interpretação de músicas e canções diversas;
- Participação em brincadeiras e jogos cantados e rítmicos (BRASIL, 1998, p.58).

Como um elemento orientador o RECNEI (BRASIL, 1998) cita que as atividades para a faixa etária de 0 a 3 anos, deve ser feita de forma lúdica, com especificações e benefícios das atividades.

Dentre as práticas o RECNEI (BRASIL, 1998) cita alguns exemplos:

O professor estará contribuindo para o desenvolvimento da percepção e atenção dos bebês quando canta para eles; produz sons vocais diversos por meio da imitação de vozes de animais, ruídos etc., ou sons corporais, como palmas, batidas nas pernas, pés etc.; embala-os e dança com eles. As canções de ninar tradicionais, os brinquedos cantados e rítmicos, as rodas e cirandas, os jogos com movimentos, as brincadeiras com palmas e gestos sonoros corporais, assim como outras produções do acervo cultural infantil, podem estar presentes e devem se constituir em conteúdos de trabalho. Isso pode favorecer a interação e resposta dos bebês, seja por meio da imitação e criação vocal, do gesto corporal, ou da exploração sensório-motora de materiais sonoros, como objetos do cotidiano, brinquedos sonoros, instrumentos musicais de percussão como chocalhos, guizos, blocos, sinos, tambores etc (BRASIL, 1998, p. 58).

## **2.2 Apreciação Musical**

A Apreciação Musical é definida como:

A apreciação musical refere-se a audição e interação com músicas diversas.

- Escuta de obras musicais variadas.
- Participação em situações que integrem músicas, canções e movimentos corporais.” (BRASIL, 1998, p.63).

O RECNEI (BRASIL, 1998) orienta que o trabalho da escuta musical não deve estar vinculado ao cotidiano do bebê, aconselhando a fazer um repertório onde contenha o Erudito, MPB, Cancioneira e Regional, desaconselhando o uso do rádio, já que está inserido no seu cotidiano como um pano de fundo, dentro das suas atividades e rotinas em casa.

Portanto, o RECNEI (BRASIL, 1998), indica como repertório:

O trabalho com a apreciação musical deverá apresentar obras que despertem o desejo de ouvir e interagir, pois para essas crianças ouvir é, também, movimentar-se, já que as crianças percebem e expressam-se globalmente (BRASIL, 1998, p.64).

## **2.3 Outras considerações do RECNEI (BRASIL, 1998)**

No título Organização do Tempo o RECNEI (BRASIL, 1998) informa o período de cada conteúdo exposto acima:

Cantar e ouvir músicas podem ocorrer com frequência e de forma permanente nas instituições. As atividades que buscam valorizar a linguagem musical e que destacam sua autonomia, valor expressivo e cultural (jogos de improvisação, interpretação e composição) podem ser realizadas duas ou três vezes por semana, em períodos curtos de até vinte ou trinta minutos, para as crianças maiores. (BRASIL, 1998, p.68).

No título Construção dos Instrumentos, é abordado o tema Oficina Musical, que está inserida na Organização do Tempo. A Oficina Musical é expressa pelo RECNEI (BRASIL,

1998) como um elemento que “desenvolve a produção de sons e suas qualidades, estimula a pesquisa, a imaginação e capacidade criativa” (BRASIL, 1998, p 69).

Além disso:

Tão importante quanto confeccionar os próprios instrumentos e objetos sonoros é poder fazer música com eles, postura essencial a ser adotada nesse processo (BRASIL, 1998, p.69).

Outro título do RECNEI (BRASIL, 1998) é Jogos e Brincadeiras onde descreve a importância e as possibilidades:

Jogos e brinquedos musicais são transmitidos por tradição oral, persistindo nas sociedades urbanas nas quais a força da cultura de massas é muito intensa, pois são fonte de vivências e desenvolvimento expressivo musical. Envolvendo o gesto, o movimento, o canto, a dança e o faz-de-conta, esses jogos e brincadeiras são expressão da infância. Brincar de roda, ciranda, pular corda, amarelinha etc. são maneiras de estabelecer contato consigo próprio e com o outro, de se sentir único e, ao mesmo tempo, parte de um grupo, e de trabalhar com as estruturas e formas musicais que se apresentam em cada canção e em cada brinquedo (BRASIL, 1998, p.70-71).

Outra opção são os jogos de escuta também possui sua importância onde o RECNEI (BRASIL, 1998) descreve:

Jogos de escuta dos sons do ambiente, de brinquedos, de objetos ou instrumentos musicais; jogos de imitação de sons vocais, gestos e sons corporais; jogos de adivinhação nos quais é necessário reconhecer um trecho de canção, de música conhecida, de timbres de instrumentos etc.; jogos de direção sonora para percepção da direção de uma fonte sonora; e jogos de memória, de improvisação etc. são algumas sugestões que garantem às crianças os benefícios e alegrias que a atividade lúdica proporciona e que, ao mesmo tempo, desenvolvem habilidades, atitudes e conceitos referentes à linguagem musical (BRASIL, 1998, p.72).

A Organização de Espaço tratada no RECNEI (BRASIL, 1998) descreve a forma de como o espaço deve ser tratado:

O espaço no qual ocorrerão as atividades de música deve ser dotado de mobiliário que possa ser disposto e reorganizado em função das atividades a serem desenvolvidas. Em geral, as atividades de música

requerem um espaço amplo, uma vez que estão intrinsecamente ligadas ao movimento. Para a atividade de construção de instrumentos, no entanto, será interessante contar com um espaço com mesas e cadeiras onde as crianças possam sentar-se e trabalhar com calma (BRASIL, 1998, p.72).

Outra ferramenta para a musicalização pode ser feita através do título proposto pelo RECNEI (BRASIL, 1998) onde descreve sua importância:

O trabalho com a música deve reunir toda e qualquer fonte sonora: brinquedos, objetos do cotidiano e instrumentos musicais de boa qualidade. É preciso lembrar que a voz é o primeiro instrumento e o corpo humano é fonte de produção sonora (BRASIL, 1998, p.72).

O registro musical como o último título do RECNEI (BRASIL, 1998) descreve:

O registro musical, que transpõe para uma outra dimensão um evento ou grupo de eventos sonoros, pode começar a ser trabalhado nas instituições de educação infantil utilizando-se de outras formas de notação que não sejam a escrita musical convencional (BRASIL, 1998, p 75).

Para fazer a avaliação o RECNEI (BRASIL, 1998) descreve:

A avaliação na área de música deve ser contínua, levando em consideração os processos vivenciados pelas crianças, resultado de um trabalho intencional do professor. Deverá constituir-se em instrumento para a reorganização de objetivos, conteúdos, procedimentos, atividades, e como forma de acompanhar e conhecer cada criança e grupo (BRASIL, 1998, p.77).

Observa-se através do RECNEI (BRASIL, 1998) atividades, a preparação, avaliação e acima de tudo o estímulo ao bebê.

Dentre as atividades destaco o cantar e brincar como um elemento base deste trabalho, enfatizando também o contato corporal, para inicialmente criar um vínculo afetivo entre o bebê e o agente, fator facilitador do ensino musical para essa faixa etária.

### **CAPÍTULO 3**

## **ENTENDENDO SOBRE A EVOLUÇÃO AUDITIVA DO BEBÊ DURANTE A GESTAÇÃO E APÓS O NASCIMENTO**

Para o desenvolvimento deste estudo é importante saber sobre a evolução do bebê desde sua gestação até seu nascimento, e entender que o bebê possui sua evolução auditiva natural além de outras formas externas de estímulo.

O primeiro fator é perceber que o bebê possui um contato auditivo não só após ao nascimento mas desde sua gestação.

Soares (2008), relata em seu trabalho que desde a vida intrauterina, o bebê é cercado por um ambiente sonoro, convivendo com ruídos externos ocasionados pelo ambiente e internos causados pelo funcionamento do corpo da mãe e pela sua voz.

Nogueira (2008) aponta para o questionamento do desenvolvimento auditivo do bebê durante a gestação e as possibilidades e preocupações que devem existir durante este período, criando um curso de musicalização pré-natal, buscando um estímulo através de músicas.

A proposta do autor é trazer músicas calmas e relaxantes, apontando o estilo clássico como Mozart, orientando aos pais a entenderem a importância deste desenvolvimento, além dos cuidados necessários para este estímulo.

Soares (2008) atenta também a este fato e afirma que o processo auditivo e musical deve existir desde sua gestação, informando que o bebê herda o gosto musical dos pais desde sua barriga, onde relata casos em que pais descrevem que apesar de colocarem músicas calmas, percebem que o bebê opta por músicas que eles costumam ouvir.

Contudo, neste período de gestação, devido a falta de informações e preparo dos pais, que não se preocupam com este estímulo, o bebê fica vulnerável aos sons externos, como volume alto, ruídos, reverberações e baixa qualidade sonora, prejudiciais ao desenvolvimento auditivo da criança.

Outro fator importante é o vínculo do bebê com a voz. Nessa fase o contato com a voz é constante se refletindo após o nascimento. Soares (2008) relata que o bebê é um

ouvinte ativo, sendo capaz de ouvir e discriminar sons, preferindo a voz humana, especificamente a materna.

Já Nogueira (2008) atribui importância não só a voz materna como também a paterna, relatando que tanto a voz da mãe quanto a do pai são importantes para criar um ambiente acolhedor para seus filhos.

Devido ao constante contato do bebê com os pais, além do costume da fala, percebe-se que estes pais criam um vocabulário e uma forma de se falar diferenciada exemplificada por Soares (2008);

A voz humana é a fonte mais relevante de estimulação sonora, por ser carregada de elementos musicais. As modificações adaptativas da fala que os adultos utilizam para dirigir-se ao bebê, denominada de “mamanês”, têm conotação musical e lingüística de grande importância para o desenvolvimento (SOARES, 2008, p.81).

Além da voz o estímulo acontece instintivamente através das canções como Soares (2008) afirma:

Outra grande influência musical da voz humana na vida do bebê é a canção de ninar. Ela traz em si elementos musicais, como alta sonoridade, compasso, expressão, e sua melodia tem um ritmo lento e regular, que pode acalmar o bebê. Essas canções promovem a interação mãe/filho com intensa carga emocional (SOARES, 2008, p.81).

Outra forma de estímulo, segundo Nogueira (2008), pode ser:

... é a participação dos pais se divertindo, brincando, dançando, deixando-se sensibilizar, ao lado do filho, com os momentos de prazer que as canções proporcionam. O importante é sempre estar estimulando o bebê com alegria e afeto. Brincadeiras com fonemas, grunhidos, resmungos, palavras, enfim, todas as atividades vocais auxiliam no processo musicalização. (NOGUEIRA, 2008, p.28).

Através dessas cargas de estímulos de forma direta e indireta o bebê naturalmente evolui, porém com suas limitações, tentando externar o que esta sentindo através de sons como: choro, balbucio, grito, resmungos; e gestos.(Soares 2008; Britto 2003; Nogueira 2008)

Soares (2008) relata:

Em relação à produção de sons, inicialmente as necessidades impelem o bebê a comunicar-se com o mundo pela produção sonora de gritos, choros, resmungos e balbucios, como se criasse sua própria música.(SOARES, 2008, p.81).

Brito (2003) descreve que o bebê revela esses sons de acordo com os estímulos ambientais.

É lugar-comum dizer que a voz é o nosso primeiro instrumento! Instrumento natural que é meio de expressão e comunicação desde o nascimento. O bebê chora para comunicar desconforto, fome ou necessidade de ser levado ao colo, de ser acarinhado, ninado. Está atento para ouvir os sons vocais ao redor e responder a eles, à voz da mãe, do pai ou de qualquer adulto responsável por seus cuidados. O contato que o bebê estabelece com os adultos e a possibilidade de imitar, inventar sons vocais e responder a eles são muito importantes para o seu desenvolvimento afetivo, cognitivo e, obviamente, musical (BRITO, 2003, p.87).

Observa-se que tais estímulos leva o bebê a uma resposta através de gestos e ruídos onde Nogueira (2008) descreve estas respostas como:

A procura do bebê pelo som, os movimentos ávidos por fontes sonoras e o balbucio deixam poucas dúvidas sobre a íntima relação dos bebês com a música, e esta afinidade pode ser observada já nos primeiros gestos e sons que os bebês efetuam.(NOGUEIRA, 2008. p.11).

### **3.1 Entendendo sobre o Balbucio**

Nos artigos e textos descreve uma das ferramentas sonoras mais estudadas e relevantes, natural do bebê, é a reprodução do som através do Balbucio.

Segundo Soares “Os balbucios ou explorações vocais caracterizam as primeiras etapas evolutivas da linguagem, servindo como base para uma adequada aprendizagem musical.” (SOARES, 2008, p. 81).

Observa-se que o estudo do balbucio possui sua importância por também estar contido no RECNEI (BRASIL, 1998).

O balbucio e o ato de cantarolar dos bebês têm sido objetos de pesquisas que apresentam dados importantes sobre a complexidade das linhas melódicas cantaroladas até os dois anos de idade, aproximadamente. Procuram imitar o que ouvem e também inventam linhas melódicas ou ruídos, explorando possibilidades vocais, da mesma forma como interagem com os objetos e brinquedos sonoros disponíveis, estabelecendo, desde então, um jogo caracterizado pelo exercício sensorial e motor com esses materiais (BRASIL, 1998, p.51).

Brito (2003) descreve o estímulo do balbucio baseado no estudo de Alsina (1997, apud BRITO, 2003) onde cita sua importância:

Alsina diz também que ainda que o bebê já cantarola algumas linhas melódicas antes dos seis meses, é a partir daí que ele começará a Balbuciar os sons que irá ordenar e classificar: é nesse momento que se produzem as primeiras comunicações verbais entre o pai, mãe e o filho. Essa comunicação pela fala vai se concretizando paulatinamente com a habilidade de emitir vogais (perto dos nove meses) e consoantes (perto dos doze meses). Até os dois anos, o desenvolvimento musical é muito intenso, e sem dúvida a voz (integrada ao movimento) é um elemento de grande importância nesse contexto (BRITO, 2003, p.87-88).

Baseado nestas informações pode-se entender que as instituições preparadas para receber estes bebês devem ter consciência que iram encontrar todos os tipos de estímulos gerados durante a gestação e os primeiros meses com o estímulo externo, como: suas rotinas, sons naturais (Chuva, vento, mar, rio, pássaros etc), sons criados pelos pais (“mamanês”), sons de materiais eletrônicos (rádio, campainha, despertador, chamada de celular etc.), sons percussivos (Bater de porta, queda de algum objeto, etc).

Beyer (2003), realizou uma pesquisa sobre balbucio, relacionando estas comunicações do contato do bebê com a música, e percebeu uma ampliação no vocabulário, onde pais relatavam o aumento de sua comunicação através do balbucio.

Beyer (2003), conclui:

Concluindo, é importante que o bebê tenha situações em que ele possa interagir vocalmente com pais, ou cuidadores, não só para conversar com eles no sentido comunicativo, mas também para realizar trocas sonoras pela música. Estas troca sonoro-musicais, mesmo que ainda indiferenciáveis pela sonoridade em um primeiro momento das situações faladas, vão permitindo que o bebê se aproxime das melodias apresentadas através de esquemas que vai desenvolvendo para poder imitá-las e recriá-las (BEYER, 2003, p.354).

Além dessa pesquisa, os dados e relatos relacionados acima podemos concluir a importância do balbucio como a resposta ao estímulo musical.

## CAPÍTULO 4

### MUSICAR, MUSICALIZAR E MUSICALIZAÇÃO

Publicações de artigos e livros relatam a preocupação relacionada a ausência de preparo das instituições para o trabalho com a Música, uma vez que não é exigido um profissional da área. Esta preocupação ocorre devido ao fato do vínculo de segurança que o bebê cria com seus pais e que a partir do momento em que ele é entregue às instituições o agente deve estar preparado para esta conexão.

Como informado anteriormente, o bebê cria sua percepção musical através de sons, e principalmente pela voz de seus pais e suas canções. Pensando nisso Nogueira (2008) exemplifica alguns pontos importantes demonstrando em dados momentos a falta de informação que a instituição tem e os quesitos necessários que deveriam existir para qualificar este profissional de creche:

De forma geral, não há uma atenção para este detalhe quando um profissional é contratado para uma instituição (falo do exercício do canto de uma forma geral, não somente dos acalantos). É muito importante que o profissional cante com os bebês. O exercício do profissional de creche é muito valioso, os bebês exigem atenção isoladamente, isto é, são naturalmente autocentrados, fazendo com que o trabalho de cuidar torna-se muito árduo, porém recompensador, principalmente quando imaginamos que estamos cuidando de futuras gerações. E neste cuidado é preciso que o profissional saiba cantar, ou melhor, acalantar. Não é necessário que conheça uma grande variedade de acalantos ( aliás, muitas músicas podem se transformar em canções de ninar), basta que quem esteja cuidando cante com ternura, com calma, intérprete suavemente a canção. Senão souber a letra, ele pode brincar com a possibilidade anasalada (hum hum hum...), o importante é criar um ambiente sonoro propício para o bem-estar do bebê (NOGUEIRA, 2008, p.43).

Outro foco importante é a qualidade da voz deste agente onde Nogueira (2008) descreve:

[...]. Já os profissionais de creche, professores e auxiliares que cuidam dos bebês, deveriam ter um cuidado obrigatório com voz, ou seja, precisam se preparar com mais atenção para cantar com as crianças (NOGUEIRA, 2008, p.28).

É importante entender que apesar da preocupação vocal do agente e de seu conhecimento em musicas, o estímulo musical dentro destas instituições pode ser qualificado de forma incoerente.

Dessa forma para definir o trabalho executado com música nas rotinas, baseados em dias comemorativos e memorizações de um repertório musical, foi utilizado o termo “musicar” para diferenciar do trabalho de musicalização determinado por diversos autores e pelo RECNEI (BRASIL, 1998).

Musicalizar é todo trabalho sonoro que envolve o estímulo da música na criança como afirma Oliveira (2001):

Musicalizar significa desenvolver o senso musical das crianças, sua sensibilidade, expressão, ritmo, “ouvido musical”, isso é, inseri-la no mundo musical, sonoro (OLIVEIRA, 2001, p.99).

A musicalização, já determinada, representa toda a atividade musical que trabalha com o fundamento de explorar e aflorar o conhecimento musical do bebê como descreve Oliveira (2001).

O processo de musicalização tem como objetivo fazer com que a criança torne-se um ouvinte sensível de música, com um amplo universo sonoro (OLIVEIRA, 2001, p.99).

Desmembrar estas três palavras se tornam difíceis de serem feitas, levando em consideração que musicar pode de certa forma levar a musicalizar e com isso desenvolver a musicalização.

Mesmo que as formas de organização social e o papel da música nas sociedades modernas tenham se transformado, algo de seu caráter ritual é preservado, assim como certa tradição do fazer e ensinar por imitação e “por ouvido”, em que se misturam intuição, conhecimento prático e transmissão oral. Essas questões devem ser consideradas ao se pensar na aprendizagem, pois o contato intuitivo e espontâneo com a expressão musical desde os primeiros anos de vida é importante ponto de partida para o processo de musicalização. Ouvir música, aprender uma canção, brincar de roda, realizar brinquedos rítmicos, jogos de mãos etc., são atividades que despertam, estimulam e desenvolvem o gosto pela atividade musical, além de atenderem a necessidades de expressão que passam pela esfera afetiva, estética e cognitiva. Aprender música significa integrar experiências que envolvem a vivência, a percepção e a reflexão, encaminhando-as para níveis cada vez mais elaborados (BRASIL, 1998, p.47-48).

Estes três caminhos transformam em uma linha tênue onde se entende que musicar de certa forma induz a musicalizar em um processo de musicalização

## **CAPÍTULO 5**

### **O CONCEITO E EXPERIÊNCIAS EM RELAÇÃO DO PROFISSIONAL AS INSTITUIÇÕES**

Outro ponto importante é que para se musicar, não há necessidade de ser músico, porém é importante ressaltar que existe sim a necessidade do profissional da música no processo de musicalização, porém, as instituições por não terem o acesso a esse entendimento, apenas supre a necessidade da música com profissionais para musicar pensando estar musicalizando.

Pensando nisso, o RECNEI (BRASIL, 1998) aponta esta informação no título “Orientações Gerais” para o professor, onde ele informa que

integrar a música à educação infantil implica que o professor deva assumir uma postura de disponibilidade em relação a essa linguagem. Considerando-se que a maioria dos professores de educação infantil não tem uma formação específica em música, sugerisse que cada profissional faça um contínuo trabalho pessoal consigo mesmo no sentido de:

- sensibilizar-se em relação às questões inerentes à música;
- reconhecer a música como linguagem cujo conhecimento se constrói;
- entender e respeitar como as crianças se expressam musicalmente em cada fase, para, a partir daí, fornecer os meios necessários (vivências, informações, materiais) ao desenvolvimento de sua capacidade expressiva (BRASIL, 1998, p.67).

Com isso, o RECNEI (BRASIL, 1998) obriga ao profissional que não é músico a conhecer a música, porém esta forma de pensar e estipulada pelo RECNEI (BRASIL, 1998), abre a possibilidade destas instituições em não ter o compromisso de contratação destes profissionais da música uma vez que possibilitam a outros profissionais exercer a função de músico.

Segundo Brito (2003),

obviamente, o trabalho realizado na área de música reflete problemas que somam à ausência de profissionais especializados a pouco (ou nenhuma) formação musical dos educadores responsáveis pela educação infantil, consequência de um sistema educacional que se descuidou quase por completo da educação estética de muitas gerações. Reflete, outrossim, a necessidade de repensar a concepção enraizada, e muitas vezes ultrapassada, que se tem de música, assim como a necessidade de conhecer e respeitar o processo de desenvolvimento musical das crianças (razão de ser de nossa explanação anterior sobre o universo de sons e silêncios, sobre “as músicas” e sobre a relação da criança com a linguagem) (BRITO, 2003, p.52).

Compactando todas estas informações, é observado o quão complexo é modificar a visão da música na educação infantil onde devemos observar o desenvolvimento do bebê, criar um projeto pedagógico musical baseado nas leis que conquistamos para valorizar a música, além do principal foco de desenvolver a capacidade do bebê e sua música com um olhar para as instituições onde devem adaptar o local e tempo, assim como os agentes de creches devem: entender, distinguir e realizar atividades com o foco musical.

Oliveira (2001) expõe esta visão onde descreve:

penso que o processo de musicalização deve começar o mais cedo possível, tão logo as crianças iniciem na educação infantil (em creches e pré-escolas), porém, no início do processo, até os dois anos de idade, creio que a música deve fazer parte da rotina da sala, sendo trabalhada pela própria professora em diversos momentos, não havendo necessidade da presença de um "especialista" para as aulas de música, pois as crianças são muito pequenas e não conseguem estabelecer vínculos com o "especialista", que dá aula para eles durante vinte ou trinta minutos na semana. A partir dos dois anos, mesmo que haja a presença de um "especialista" na área, é necessária a presença da professora durante as aulas de música, pois mesmo as crianças já conseguindo estabelecer maiores vínculos e aprender alguns conceitos musicais como forte e fraco e ritmos simples, elas ainda estranham a presença de uma pessoa dando aula para elas apenas uma vez por semana, além de ser importante um trabalho em parceria entre a professora e o "especialista" que, juntos, podem construir um trabalho muito mais rico do que trabalhando isoladamente (OLIVEIRA, 2001, p.100-101).

Com base no RECNEI (BRASIL, 1998) e Oliveira (2001), afirmamos uma abertura para a instituição contratar agentes que mesmo não tenham um teor musical, trabalhar com música, sem necessidade de um especialista. Entende-se, que através da visão de Oliveira (2001), a música pode ser trabalhada com estes profissionais, porém, algumas instituições possuem visões diferentes no conceito sobre música tornando o profissional da música um refém de seus conceitos.

Brito (2003) expõe este conceito:

Ainda sim, não podemos dizer que tenha se instalado, na área de música uma postura de efetiva orientação para a criatividade, e, salvo exceções, ocorreram alguns mal-entendidos. De um lado, respeitar o processo criativo foi entendido como deixar fazer

qualquer coisa (o “vale-tudismo”, como costuma dizer Koellereutter), sem orientação, sistematização e , conseqüentemente, sem ampliação de repertório e das possibilidades expressiva das crianças; por outro lado, integrar diversos modos de realização musical assustava os educadores, que preferiam, então, continuar reproduzindo os mesmo modelos, estratégias, técnicas e procedimentos, que de modo geral, excluía a criação (BRITO, 2003, p.51).

Neste dado a autora, demonstra o despreparo e consciência da instituição e dos profissionais em valorizar a musicalização.

Dentre os autores inseridos neste trabalho, é descrito suas experiências nestas instituições gerando respostas de formas diferentes.

Soares (2008), com base em suas experiências, descreve que o profissional da música pode modificar estes conceitos uma vez inserido dentro da instituição e com a prerrogativa de demonstrar a esta instituição o diferencial a sua proposta. A autora Soares (2008) ainda descreve este processo onde gera uma resposta positiva apesar de um inicio desconfortável para os agentes, mas que aos poucos a autora muda a visão passando a ser apoiada por eles.

Nas experiências de trabalho Brito (2003) também descreve seu trabalho dentro de uma instituição de forma contrária a Soares (2008) onde fica restrita e sem a possibilidade de mudanças mecanizando a proposta de musicalização a escravidão de um trabalho rígido da instituição.

Brito (2003) possui esta visão onde descreve:

Mas nem tudo é negativo, felizmente. O ensino-aprendizagem na área de música vem recebendo influências das teorias cognitivas, em sintonia com procedimentos pedagógicos contemporâneos. Amplia-se o número de pesquisas sobre o pensamento e a ação musicais que podem orientar os educadores e gerar contextos significativos de ensino-aprendizagem, que respeitem o modo de perceber, sentir e pensar de bebês e crianças (BRITO, 2003, p.53).

Baseados nessas experiências, observa-se que existe a possibilidade em musicalizar, desde o momento que o projeto político pedagógico seja implementado de forma a transformar a instituição e os agentes, a partir do momento que o músico entre com caráter transformador, demonstrando a importância e a forma como ela deve ser vista e seus

benefícios, dentro dos moldes propostos pelo RECNEI (BRASIL, 1998), porém, como vimos no exemplo de Brito (2003) isso só pode ser possível a partir do momento em que a instituição entenda este conceito e tenha a proposta de se modificar.

## CAPÍTULO 6

### PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO E RECNEI

Com ênfase no livro de Brito (2003) e na intenção de um projeto político pedagógico observa-se que Brito (2003) e Nogueira (2008), descrevem a base de seus estudos enfatizando a base no RECNEI (BRASIL, 1998) mesmo não explicitando.

Com base no projeto político pedagógico desenvolvo uma visão onde indico o que deve constar nestes projetos baseados no RECNEI (BRASIL, 1998) para o desenvolvimento de musicalização comparando com os projetos já desenvolvidos pelos autores propostos neste trabalho podendo ser realizado por agentes como também por profissionais musicais.

O primeiro passo para desenvolver um projeto com base nas informações acima descrita é o trabalho sonoro e sua importância como descreve o RECNEI (BRASIL, 1998):

A escuta de diferentes sons (produzidos por brinquedos sonoros ou oriundos do próprio ambiente doméstico) também é fonte de observação e descobertas, provocando respostas. A audição de obras musicais enseja as mais diversas reações: os bebês podem manter-se atentos, tranquilos ou agitados. (BRASIL, 1998, p.51).

Nogueira (2008) descreve seu trabalho dando ênfase ao ambiente sonoro, sendo o primeiro contato do bebê desde sua gestação, passando pelo contato da voz e após a apreciação onde baseia seu trabalho descrito pelo RECNEI de interpretação. O autor afirma o trabalho baseado em Piaget descrevendo de forma técnica:

Procurando explicar resumidamente, a percepção se completa quando o cérebro interpreta as impressões obtidas pelos órgãos dos sentidos.”O desenvolvimento perceptivo talvez funcione como uma plataforma de lançamento, da qual decolariam outros aspectos de desenvolvimento cognitivo” (Palácios in Palácios, Coll e Marchesi, 1995). Devemos entender que todas as modalidades sensoriais do ser humano são funcionais no momento do nascimento e se aprimoram durante o crescimento. No início o bebê percebe grandes estruturas como unidades, e vai selecionando as informações, percebendo gradativamente aquilo que mais lhe chama atenção. Segundo Piaget, o bebê de 0 a 2 anos está em um estágio denominado sensório-motor, Nesta fase a percepção se dá, como o

nome sugere, pelas vias sensórias e por vias cinéticas (percebidas e sentidas pelo movimento), e estimulação consciente é muito importante (NOGUEIRA, 2008, p.16).

No decorrer da leitura do seu livro o autor desenvolve todo um trabalho baseado neste primeiro sentido em que ele descreve como “Apreciação Musical”, desenvolvendo dois projetos, onde confeccionou um CD com choros do Pixinguinha onde intitulou de “Chorinho para Bebê” e outro onde chama de “MPBerçário” e sua experiência positiva.

Nogueira (2008) atenta às formas diversas e critica algumas músicas infantis:

Todo tipo de música poder ser usado no estímulo da apreciação musical dos bebês. Não há necessidade de ficar preso às músicas infantis, até mesmo porque, no meu entender, este “gênero” é muito questionável. Observa-se também uma baixa qualidade nas músicas infantis que atualmente encontramos no mercado, embora haja compositores como que conseguem chegar ao universo infantil com criatividade e beleza. As crianças estão abertas e são receptivas a todo tipo de música, desde que os adultos saibam fazer uso delas adequadas (NOGUEIRA, 2008, p.32-33).

Brito (2003) descreve o momento de apreciação com fontes sonoras, as quais a autora descreve:

chamamos de *fonte sonora* todo e qualquer material produtor ou propagador pelo corpo humano, pela voz, por objetos do cotidiano, por instrumentos musicais acústicos, elétricos etc., e, conforme já apontamos, pode-se fazer música com todo e qualquer material sonoro (BRITO, 2003, p.59).

Observa-se que autora usa as fontes sonoras para decorrer seu projeto com pretensão de criação e confecção de instrumentos musicais.

Soares (2008) classifica este momento como vivências musicais, onde descreve:

Vivenciar música com bebês significa, pois, possibilitar, de forma lúdica, o seu contato com a música por meio do canto, da dança, tocando instrumentos e até mesmo ouvindo-a (SOARES, 2008, p.85).

Neste momento a autora utiliza filmagens em aula para observar o comportamento do bebê em relação ao projeto executado.

No artigo propostos pela Oliveira (2001) observa-se que o momento da interpretação, é apenas apontado como “Ouvido musical”, porém a autora não descreve o

projeto especificamente, dando uma maior ênfase às crianças a partir dos 2 anos dentro da especificação da educação infantil, porém em um dado momento a autora afirma que

o professor de música deve apresentar aos seus alunos diferentes estilos musicais, desde música popular, folclórica e erudita, até as cantigas de roda. Tacuchian (1981) afirma que devemos trabalhar com músicas de várias culturas, mas priorizar sempre a música brasileira, que é muito rica histórica e culturalmente. Em relação às cantigas de roda, gostaria de destacar a riqueza de possibilidades de trabalho com essas atividades (OLIVEIRA, 2001, p.101).

Com base nesta apreciação a autora descreve o projeto em contato com instrumentos musicais.

Todos os autores de certa forma defendem o primeiro contato musical com o estímulo auditivo especificado por Nogueira (2008), o segundo momento descrito por RECNEI como improvisação pode observar que os autores percorrem caminhos diferentes.

RECNEI descreve a forma de respostas do bebê ao estímulo musical descrevendo:

O gesto e o movimento corporal estão intimamente ligados e conectados ao trabalho musical. A realização musical implica tanto em gesto como em movimento, porque o som é, também, gesto e movimento vibratório, e o corpo traduz em movimento os diferentes sons que percebe. Os movimentos de flexão, balanceio, torção, estiramento etc., e os de locomoção como andar, saltar, correr, saltitar, galopar etc., estabelecem relações diretas com os diferentes gestos sonoros (BRASIL, 1998, p.61).

No caso de Soares (2008), ele descreve no capítulo de Atividades Rítmicas e sonoras sendo bem específico em sua base para desenvolver seu projeto, onde recorre a estudiosos da área:

Para começar a desenvolver atividades rítmicas com o bebê, sugiro que se conheça as propostas de Walter Howard. Elas podem ser encontradas no livro *A criança e a música*, onde Howard sugere que os bebês recém-nascidos sejam estimulados quando estiverem deitados, e que o exercício seja feito com seus membros inferiores (NOGUEIRA, 2008, p.35).

O autor ainda descreve a técnica de Howard com um olhar de estimulação e de forma agradável, mas defende que este estímulo da base a noção rítmica onde defende:

Não resta dúvida que dançar é um ótimo exercício rítmico, e alguns métodos de musicalização trazem estes princípios, como o de

Dalcroze(educador musical como proposta para musicalização atividades rítmicas corporais) (NOGUEIRA, 2008, p.35).

Brito (2003) também defende esta atividade, onde informa que

é fato indiscutível que o ritmo se aprende por meio do corpo e do movimento. Partir de movimentos naturais dos bebês e crianças, ampliando suas possibilidades de expressão corporal e movimento, garante a boa educação rítmica e musical, além de equilíbrio prazer e alegria, pois o ser humano é – também – um ser dançante. Não é por acaso que, ao apresentarmos um repertório de canções da cultura infantil, mostrando, na realidade, brinquedos musicais que, se envolvem o cantar, envolvem também o movimento (BRITO, 2003, p.145).

A diferença entre Brito (2003) e Nogueira (2008) é o fato de trabalhar a inserção de brinquedos musicais.

Brito (2003) também cita Dalcroze para dar fundamento a esta atividade:

no contexto da educação musical ocidental do século XX, foi Emile Jaques-Dalcroze (1865-1950) quem primeiro se preocupou com o corpo como meio para o desenvolvimento não só musical, mas também da personalidade das crianças. Ele criou uma disciplina chamada euritmia, sistematizando o trabalho com os conteúdos musicais por meio do corpo, e obteve resultados bastantes surpreendentes (BRITO, 2003, p.145).

A autora Panizzi (2006), em seu artigo sobre balbucio, também argumenta toda a forma de musicalizar e o preparo da instituição, assim como seus agentes e o profissional da música.

A criança precisa não apenas de um educador musical sensível e competente, como também de um ambiente sócio-cultural pleno de possibilidades, para dar continuidade ao seu desenvolvimento musical (PANIZZI, 2006, p.47).

Baseado nestas informações o dever da instituição é ter um profissional que possa desenvolver os princípios descritos por lei, além do incentivo a arte. Mas para que isso ocorra é necessário olhar para o cenário que se encontra este profissional e a necessidade de estar apto para associar certas rotinas com um trabalho de musicalização.

## CAPÍTULO 7

### O PROFISSIONAL DA EDUCAÇÃO INFANTIL, A VOZ E A IMPORTÂNCIA DA MÚSICA

Tendo como base os dados deste trabalho, o profissional que irá agir dentro destas rotinas deve não só apenas entender e musicar a rotina, mas ter uma base musical, como um simples cantar. Portanto, a voz e o cantar do agente ou profissional que irá desenvolver o processo de musicalização é uma ferramenta relevante.

Britto (2003) descreve a importância da voz:

É lugar-comum dizer que a voz é o nosso primeiro instrumento! Instrumento natural que é meio de expressão e comunicação desde o nascimento. O bebê chora para comunicar desconforto, fome ou necessidade de ser levado ao colo, de ser acarinhado, ninado. Está atento para ouvir os sons vocais ao redor e responder a eles, à voz da mãe, do pai ou de qualquer adulto responsável por seus cuidados. O contato que o bebê estabelece com os adultos e a possibilidade de imitar, inventar sons vocais e responder a eles são muito importantes para o seu desenvolvimento afetivo, cognitivo e, obviamente, musical (BRITO, 2003, p.87).

Reforçando na prática, os artigos de Brito (2003) e Nogueira (2008), posso descrever um relato de caso ocorrido na UNIRIO, onde frequentei aulas ministradas pela professora Silvia Sobreira, que criou uma matéria dedicada aos alunos de pedagogia, contudo a turma poderia ser frequentada, também, por alunos de licenciatura em música, que também auxiliavam nas atividades. Nas aulas a professora informava a importância do cantar e a necessidade da afinação, trabalhando vocalizes e trazendo músicas de rotinas para que os alunos de pedagogia cantassem onde participávamos cantando ajudando na afinação. Notei que inicialmente a maioria dos alunos não tinha o mínimo de afinação ou até mesmo o interesse em afinar ou cantar, alegando que não tinha a necessidade deste tipo de conhecimento, notei também, que a maior parte dos alunos de pedagogia era desafinada e que alguns percebiam a desafinação e tentavam afinar, outros não notavam que não atingiam as notas, mas com o decorrer houve o aumento de interesse e a vontade em participar, uma vez que a professora demonstrava em todos os momentos a importância da afinação e das atividades cantadas. Ao final do semestre todos estavam empenhados nas

aulas buscando a afinação e seus relatos ao final do semestre foram de grande valor na avaliação, pois a maioria percebeu a necessidade de cantar afinado e buscar trazer o aluno não só a rotina, mas o estímulo que o cantar poderia fazer ao bebê. Acredito que esta cadeira foi de grande aprendizado não só para nós alunos de licenciatura em música como também aos alunos de pedagogia.

Através desse relato de caso é possível concluir que existe o despreparo destes futuros agentes que nunca atentaram para a relevância da voz, apesar de ser um ferramenta informativa as crianças com idades avançadas, também pode ser uma ferramenta para o estímulo do bebê. Conforme informado anteriormente, estes agentes não possuem nenhum tipo de informação a este respeito durante o período em que esteve em uma instituição, e que ao ter contato com esta matéria oferecida pela professora Silvia Sobreira, perceberam o quanto podem explorar os processos de ensino aprendizagem, com sua voz.

Este cenário vivenciado durante o semestre também é retratado pela Tornin (2014) onde relata:

A situação encontrada CEI X após a primeira fase de pesquisa, possivelmente retrata a maioria das escolas públicas de Educação Infantil no Brasil, pois a ausência de formação musical das professoras nos Cursos de Pedagogia revela que a música é normalmente oferecida de forma superficial integrando ou não uma das atividades de rotina dos bebês. Poderia se pensar que a ausência de uma disciplina voltada a formação musical infantil nos cursos de Pedagogia, bem como a ausência de um professor de música nos espaços de educação infantil poderia ser a causa do não desenvolvimento musical infantil (TORNIN, 2014, p.175).

Isso faz perceber que apesar das conquistas da música e seus benefícios enfatizadas através da lei proposta pelo RECNEI (BRASIL, 1998), ainda possuímos uma deficiência no entendimento do agente estar preparado ao processo de musicalização com um ranço de uma cultura advinda do seu caminho profissional, onde não constrói uma formação musical e sua importância no desenvolvimento do bebê, devido ao simples fato de não ter e saber como utilizar essa ferramenta, uma vez que não possuiu uma cadeira dentro de sua formação profissional.

Baseado nesta informação, podemos reafirmar esta deficiência, com a monografia de Tornin (2014), onde expõe através de entrevistas com os agentes com formação pedagógica, a deficiência e a importância da música neste processo de musicalização.

Quanto a formação e orientação musical ao longo da carreira do docente, todas as quatro professoras não as tiveram, apenas fizeram esporadicamente algumas oficinas de música na escola, as quais não souberam explicar exatamente o que aprenderam quando as fizeram. Uma das professoras relatou que na supervisão do CEI X havia cópia de um livro com as atividades de música de uma oficina musical oferecida às professoras (TORNI, 2014, p.170).

Com base nestas informações de forma recente percebe-se que ainda existe restrições e a importância da música para o educador em relação ao desenvolvimento do bebê, além de reafirma que apesar de o agente ter de forma esporádica um curso oferecido a eles, não conseguem relacionar o vínculo a evolução do bebê, onde Tornin (2014) relata o fato de estes agentes trabalharem CD's de forma esporádica sem nenhum vínculo ou intenção de saber o que na verdade estaria acrescentando ao bebê. Dallabrida (2015) também cita esta prerrogativa, alegando que “os conteúdos musicais, tais como ritmo, andamento, melodia, técnica, afinação, dentre outros, não foram estabelecidos como prioridade, possivelmente pela carência de conhecimentos e saberes musicais que as academias trazem desde a infância, o que lhes dificulta o trânsito pela área de Música.” (DALLABRIDA, 2015, p.100)

Com toda essa informação pode-se constatar, portanto, o despreparo vocal que o agente possui com isso a qualidade (afinação) não valorizada, pode ser o fator complicador para o desenvolvimento auditivo do bebê.

Assim, a desafinação é um elemento comum entre os agentes, devido à falta de informação e preparo musical.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Baseado nos dados e observando o primeiro contato do bebê com a Música, nos primeiros meses de vida, o presente trabalho, envolvendo a musicalização dentro do cenário que se encontram as creches particulares e municipais apresenta contribuições para a reflexão sobre o assunto.

Este trabalho permite entender a importância da música nos primeiros meses de vida. O RECNEI (BRASIL, 1998) foi criado justamente para entender e reger o estudo, com o foco a beneficiar o bebê, descrevendo e pontuando: o que é necessário para o profissional, o desenvolvimento natural do bebê, o acesso que ele terá a música, e como explorar e entender seus gestos e balbucio.

Entende-se, também, que a musicalização só poderá ser iniciada na instituição a partir do momento que o bebê sinta conforto no ambiente e confiança nos funcionários que farão parte de sua rotina.

Em outro momento, a musicalização é iniciada por duas vias, podendo se musicar ou musicalizar, palavras que antes já explicadas ajudam ao processo de musicalização.

A instituição deverá estar adaptada, com local apropriado para o desenvolvimento da atividade. Como a proposta deste trabalho é desenvolver a atividade nos primeiros meses de vida, o berçário poderá ser utilizado como local da atividade.

Através dos relatos assim como o RECNEI (BRASIL, 1998), as músicas de rotina podem ser um ponto de partida para o processo de musicalização.

A voz como uma ferramenta de trabalho é exposta a uma análise onde se constata a falta de informação e formação demonstrando a deficiência do entendimento da voz do profissional para o desenvolvimento auditivo do bebê.

Portanto, ainda deverá ocorrer uma profunda transformação dos profissionais e instituições no que diz respeito ao verdadeiro sentido do ensino de música para bebês na faixa etária de 6 meses a 1 ano e 11 meses.

## REFERENCIAS

BEYER, Esther. Do balbucio ao canto do bebê em sala de aula. 1º Simpósio Internacional de Cognição e Artes Musicais. *Anais ...* Curitiba, UFPR, 2005, p.350-385.

BRASIL/ CONGRESSO NACIONAL. *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – Lei no. 9394*. Brasília, 1996.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação e do Desporto. *Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil*. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRITO, Teca Alencar. *Música na educação infantil: Proposta para a formação integral da criança*. São Paulo: Peirópolis, 2003.

DALLABRIDA, Iara Cadore. *Sentidos da educação musical na formação acadêmico-profissional do pedagogo*. 2015. Dissertação (Mestrado em Educação) Curso de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria.

NOGUEIRA, José Henrique. *O bebê e a música*. 2. ed. Rio de Janeiro: Booklink, 2008.

OLIVEIRA, Débora Alves de. Musicalização na educação infantil. *ETD – Educação Temática Digital*, Campinas, v.3, n.1, p.98-108, dez. 2001

PARIZZI, Maria Betânia. O canto espontâneo da criança de zero a seis anos: dos balbucios às canções transcendentais. *Revista da ABEM*, Porto Alegre, V. 15, 39-48, set. 2006.

SOARES, Cíntia Vieira da Silva. Música na creche: possibilidades de musicalização de bebês. *Revista da ABEM*, Porto Alegre, V. 20, 79-88, set. 2008.

TORMIN, Malba Cunha. *Dubadi Du: uma proposta de formação e intervenção musical na creche*. 2014. Tese (Doutorado em Educação). Programa de Pós Graduação em Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo.